

## INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO BRASILEIRO: REPERCUSSÕES NA MÍDIA DIGITAL

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo

**Resumo:** A internacionalização no ensino superior tem sido amplamente discutida na esfera acadêmica e midiática, no contexto brasileiro, principalmente após a criação do programa Ciências Sem Fronteiras em 2011. Levando isso em consideração, esse artigo objetiva identificar como a internacionalização tem sido abordada na mídia digital recentemente no período de julho a dezembro de 2016. Para isso, fez-se um rastreamento de textos divulgados em jornais *on line* através do site de busca Google com as palavras-chave “internacionalização do ensino superior”. Para a análise do conteúdo elegeu-se algumas categorias que partiram da recorrência de temas presentes nos textos encontrados. Como aporte teórico foram utilizados autores como Hudzik (2011), Knight (2003), Walsh (2010), Andreotti *et. al* (2016) entre outros que subsidiaram a análise das categorias selecionadas. A partir dos dados fornecidos pela pesquisa foi possível perceber que existe uma supervalorização da língua inglesa, bem como a recorrência de matérias sobre a posição de universidades em rankings nacionais e internacionais. Isso aponta para necessidade de se pensar os impactos que a hegemonia do inglês pode desencadear em políticas linguísticas e de ensino, bem como a representatividade que a internacionalização no contexto brasileiro tem para o cenário internacional.

**Palavras-chave:** internacionalização no ensino superior; interculturalidade; globalização e ensino de inglês.

**Abstract:** The internationalization of the higher education has been widely discussed by the academic and the mediatic environment mainly after the creation of the Science Without Borders Program in 2011. Taking this into consideration, the aim of this article is to identify how the internationalization has being pursued recently through the digital media from July to December of 2016. For this purposed, a searched was made for texts published in *on line* newspapers using the Google site tool with the keywords “internationalization of the higher education”. To analyses the results, some categories were chosen that emerged from the recurrence of the themes presented in the search. The theoretical foundation was based in Hudzik (2011), Knight (2003), Walsh (2010), Andreotti *et. al* (2016) among others. Using the data provided by search it was possible to notice the English language overvaluation, as well as the recurrence of the reports about the position of the Brazilian universities in national and international rankings. This indicates the needs to think about the impacts that the hegemony of English can trigger in linguistic and teaching policies, as well as the representativeness that the internationalization in the Brazilian context has for the international scenario.

**Keywords:** internationalization of the higher education; Interculturality; Globalization; English teaching.

## Introdução

A internacionalização do ensino superior não é algo novo (HUDZIK, 2011), no entanto tem se tornado objeto de estudos recentes no contexto brasileiro, bem como pauta dos veículos de comunicação midiáticos principalmente com o surgimento do Programa Ciências Sem Fronteiras em 2011. Pensar o processo de internacionalização se faz necessário uma vez que tem impactado de forma significativa nas políticas educacionais e linguísticas. Além disso, mobiliza discussões sobre língua e cultura e suas implicações éticas.

Inseridos em uma sociedade que produz conhecimentos e saberes através do uso de ferramentas digitais somos, a todo o momento, bombardeados de informações de diferentes naturezas. Castells (1999) discute o processo transformativo decorrente da revolução tecnológica defendendo que uma sociedade não pode ser entendida sem levar em consideração as suas ferramentas tecnológicas. A autora aponta que “conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação” (CASTELLS, 1999, p. 53-54). Diante disso, por exemplo, temos a mídia digital que nos fornece informações com sua credibilidade garantida por muitos leitores exercendo forte poder sobre como interpreta-se diversos aspectos da vida humana. Entre esses está a questão da internacionalização do ensino superior que, além da academia, tem chamado bastante atenção da mídia digital.

Partindo desse contexto, o objetivo desse artigo consiste em identificar como a internacionalização no ensino superior tem sido difundida na mídia digital e que sentidos tem sido construídos sobre esse processo. Para tanto, fez-se um rastreamento de textos divulgados em jornais *on line*<sup>1</sup> através do site de busca Google com as palavras-chave “internacionalização do ensino superior”. Utilizou-se também como filtro a seleção de textos que trouxessem informações a respeito do contexto brasileiro divulgadas no período de julho a dezembro de 2016. Eliminou-se também dessa seleção textos que em seu conteúdo repetiam informações de encontradas em matérias anteriores. Após a leitura desses textos, elegeu-se algumas categorias de análise (as quais serão também os títulos das seções deste artigo) partindo da recorrência temática abordada pela mídia: internacionalização e interculturalidade; inserção no cenário global; o inglês como a língua da globalização e, por fim o ranking das universidades.

### *Internacionalização e interculturalidade*

O aspecto cultural como atrativo para a internacionalização tem feito parte do discurso da mídia digital. Nas matérias encontradas aparece com recorrência a importância das trocas culturais que a vivência no exterior pode fornecer. No entanto, essas trocas têm sido entendidas

---

<sup>1</sup> Ver apêndice ao final deste artigo.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. Revista Desempenho. n. 30, v1, 2019.

dentro de uma perspectiva romantizada como no exemplo a seguir extraído da matéria *Internacionalização do ensino superior brasileiro* da autoria de Roberto Leal Lobo e Silva Filho publicada no jornal *O Estadão* em novembro de 2016:

Ser globalizado no ensino superior é acolher com **naturalidade** estudantes e professores estrangeiros e integrá-los **sem dificuldade** à rotina institucional, é **reconhecer a necessidade do domínio generalizado da língua inglesa** na instituição, é buscar parcerias para troca de acadêmicos de forma ampla independentemente da situação financeira de cada um, mesmo que a partir de projetos diferenciados e adaptados a cada realidade.

É interagir com todos os continentes e culturas **sem discriminação** e aproveitar seus ensinamentos, é dar a seus estudantes e professores uma visão de mundo e das diferentes culturas **sem preconceitos**, incluindo estes conhecimentos nas estruturas curriculares adaptadas a cada curso e programa, é buscar colaboração internacional para o desenvolvimento de projetos entre estudantes, entre professores e entre grupos de estudantes/professores. (grifo nosso)

Refletir sobre o processo de internacionalização mobiliza diversos fatores e, o trecho acima pode nos auxiliar nesse sentido. Deixamos de lado, num primeiro momento a questão da língua inglesa (que será abordada em outra seção) e passamos a analisar como os jornalistas entendem o papel do sujeito globalizado no contexto da educação superior que estaria atrelado ao acolhimento do outro, entendido como um processo natural que ocorre sem dificuldades. Ou seja, os autores da matéria não levam em consideração os conflitos, tampouco a complexidade que permeia o encontro com o outro, com o ‘diferente’. Ahmed (2000), recorrendo a teorias pós-coloniais e feministas, desafia-nos a pensar sobre suposições de que alguém ‘estranho’ é simplesmente qualquer um que não reconhecemos e, em vez disso, propõe que este ‘estranho’ é socialmente construído como alguém que já conhecemos. A autora examina o impacto da globalização e do multiculturalismo e suas implicações éticas e políticas.

Estudos sobre o contato entre culturas/ interculturalidade dentro do ensino de línguas tem apontado para a possibilidade de desenvolver uma competência intercultural. Byram, Gribkova e Starkey (2002) definem essa última como o conhecimento, as atitudes e as habilidades completadas pelos valores dos grupos sociais. Assim, desenvolver a competência intercultural no ensino de línguas implica em preparar os alunos para “a interação com pessoas de outras culturas; capacitá-los a compreender e aceitar pessoas de outras culturas como indivíduos com outras perspectivas, valores e comportamentos distintos; e ajudá-los a ver que essa interação é uma experiência enriquecedora” (BYRAM, GRIBKOVA e STARKEY, 2002, p.6)

Uma competência pode ser caracterizada como uma propriedade individual de um sujeito que tem conhecimento sobre algo e, assim, tem o poder para o exercício de uma função. No entanto, a noção de competência não é suficiente para lidar com a complexidade existente nos encontros culturais permeados por relações de conflitos que, ao contrário do que os

jornalistas sugerem na matéria de *O Estadão*, não acontecem de forma natural e sem dificuldades. Marginson *et. al* (2010) nos auxilia a compreender melhor essa questão ao discorrer sobre a segurança dos alunos estrangeiros dentro das universidades australianas. Para o autor, por trás das inúmeras oportunidades que a educação internacional pode oferecer existe um “dark side”, ou seja, um lado negro, pois os estudantes nem sempre se beneficiam de completa segurança, principalmente aqueles que não são brancos e que acabam experienciando exclusões em terras estrangeiras. Como as políticas de internacionalização e os que dela se beneficiam precisam mostrar resultados positivos dificilmente os estudantes estrangeiros são consultados quanto as dificuldades que possam estar vivenciando.

Como sugestão para se pensar nas relações de contato com o outro/ com outras culturas, Walsh (2010) propõe a noção de interculturalidade crítica cuja criticidade é entendida não como algo dado, mas sim construído; que reconhece que a questão da diferença se constrói dentro de uma matriz colonial de poder de raças e hierarquias sendo, então, o multiculturalismo uma ferramenta que exige a transformação das estruturas e das relações sociais implicando em novas condições de ser, conhecer, pensar e viver diferentemente. A interculturalidade crítica figura-se como estratégia de ação e de processo permanente de negociação das condições de respeito, legitimidade, equidade e igualdade, mas, acima de tudo, está o seu posicionamento como ação política, social e ética diante dos saberes e dos conhecimentos pontuando a “necessidade de mudar não apenas as relações, mas também as estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm desigualdade, inferioridade, racialização e discriminação” (WALSH, 2010, p. 4).

### *Inserção no cenário global*

Nas matérias consultadas houve a recorrência e, apontando-se a necessidade das universidades brasileiras fazerem parte no cenário global<sup>2</sup> sendo a internacionalização o caminho para tal inserção. Globalização e internacionalização são conceitos distintos, mas tem sido colocados lado a lado em estudos recentes (MOROSINI, 2006; ALMEIDA, SANTIAGO, 2016). Andreotti *et. al* (2016) explicam que globalização e internacionalização são processos com naturezas distintas e entendem que, o primeiro se caracteriza como “o fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores, ideias que atravessam fronteiras, interagindo com a cultura, história, tradições e prioridades de cada país” (ANDREOTTI *et. al*, 2016, p. 130). Já o segundo caracteriza-se como um “processo em que a dimensão internacional, intercultural ou global é incorporada à finalidades” (*idem*) no contexto do ensino superior. Para Knight (2003) “as dimensões *internacional, intercultural e global* são intencionalmente usadas como uma tríade<sup>3</sup>”. A primeira diz respeito as relações entre países, povos, nações e culturas, o que, por sua vez, envolve questões de diversidade dessas culturas – dimensão intercultural. Já a dimensão global relaciona-se ao valor agregado dentro do propósito de alcance mundial. Essas

<sup>2</sup> Ver trecho selecionado anteriormente na matéria publicada pelo jornal *O Estadão*.

<sup>3</sup> *International, intercultural, and global dimension* are three terms that are intentionally used as a triad.

dimensões se complementam e representam a complexidade do processo de internacionalização (KNIGHT, 2003).

Para Menezes de Souza (2016, no prelo) “a conexão entre a globalização, o novo espírito do capitalismo e sua ética resultante do interesse próprio ao serviço do bem geral são visíveis no que é também conhecido como neoliberalismo<sup>4</sup>”. Problematizar a relação entre educação é neoliberalismo se faz necessária para “buscar brechas e espaços para entender que, assim como o colonialismo abriu caminho para ‘um inferno com boas intenções’, a imaginação neoliberal traz a ideia de uma vila global harmoniosa” (FERRAZ, 2015, p. 46).

A internacionalização tem sido entendida como um produto do neoliberalismo. Consoante a isso, Marginson *et. al* (2010) nos explica que em alguns países como o Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia a educação internacional é oferecida numa base comercial e, portanto, o aluno é imaginado como consumidor numa relação contratual com o fornecedor de serviços educativos. As implicações dessa visão do estudante como um “cliente” esta relacionada a regressão quantos aos direitos humanos universais sendo que estes permanecem apenas com direitos regulados por “regimes coercitivos fronteiriços quando comparados com a própria cidadania nacional<sup>5</sup>” (MARGINSON *et. al.*, 2010, p. 67).

Andreotti *et. al* (2016, p. 131) nos alerta para o risco do (neo) colonialismo que a “inserção da internacionalização e da globalização no imaginário global dominante [pode ocasionar orientando] esses processos com uma narrativa única sobre o desenvolvimento global” ao passo que avigora uma lógica hierárquica de dominação entre países. Para compreender melhor a questão vale a pena citar mais longamente os autores:

Existe um imaginário hierárquico que estabelece, de um lado, o *Norte* (desenvolvido, civilizado, racional, científico, rico, forte, laico, ativo, inteligente, benevolente, merecedor, honesto, limpo, líder, produtor de conhecimento, entre outros tantos atributos) e, do outro, o *Sul* (atrasado, irracional, pobre, terrorista, fraco, exótico, fundamentalista, passivo, ignorante, violento, destrutivo, cheio de lixo e doenças, consumidor de conhecimento, etc) (ANDREOTTI *et. al.*, 2016, p. 132).

As linhas geográficas Norte/ Sul evidenciadas por Andreotti *et. al.* (2016) tem como base os países da Europa. No entanto, se fossemos pensar dentro do contexto brasileiro teríamos essas linhas invertidas uma vez que as regiões situadas ao Sul/Sudeste são tidas como as mais valorizadas (exemplo disso seria o próprio movimento “O Sul é meu país” cujo objetivo é a emancipação política dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grandes do Sul e o “Movimento São Paulo Independente”) enquanto que o Norte/ Nordeste é visto como o atrasado, não existente, no sentido apresentado por Boaventura Souza Santos (2007), como não

---

<sup>4</sup> This connection between globalization, the new spirit of capitalism and its resulting ethic of self-interest at the service of the general good are visible in what is also referred to as neoliberalism.

<sup>5</sup> “rights regulated only by coercive border regimes and when compared with national citizenship itself”. MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. Revista Desempenho. n. 30, v1, 2019.



relevantes ou compreensíveis caracterizando-se como um pensamento abissal que impossibilita a co-presença dos dois lados da linha.

Para se pensar a globalização dentro do contexto de ensino superior é necessário levar em consideração o pensamento decolonial que, de acordo com Mignolo (2013, p. 131) está preocupado com a “igualdade global e a justiça econômica, mas que também declara que a democracia e o socialismo ocidentais não são os dois únicos modelos que orientam nossos pensamentos e ações”<sup>6</sup>. Nesse sentido concordo com Andreotti et. al (2016, p.138) ao afirmar que a “educação tem um papel fundamental com respeito a prover as ferramentas necessárias para que as pessoas consigam pensar além da realidade aparente [de modo que possam] viver no mundo para além dos limites impostos pelo pensamento abissal da modernidade”.

### *O inglês como a língua da globalização*

O status de do inglês como língua franca/ língua internacional tem sido amplamente discutido por pesquisadores em âmbito nacional (CALVO; EL KADRI, 2011; RAJAGOPALAN, 2010, 2011) e internacional (CRYSTAL, 2003, SEIDLHOFER, 2004). Nas matérias encontradas, o inglês foi apontado como única língua essencial para a efetivação do processo de internacionalização. Alguns dos textos também ilustravam projetos de ensino da língua na oferta de cursos de extensão e de disciplinas ministradas na língua recorrecidas como estratégias para inserção nesse processo.

O inglês tem sido compreendido como a língua que possibilita a ascensão social e a possibilidade e ingresso e manutenção no mercado de trabalho ao passo que carrega uma “imposição supostamente decorrente de um imperialismo linguístico alimentado pelas estruturas coloniais que insistem em orientar nossas relações com a alteridade que nos constitui” (JORDÃO, MARTINEZ, 2015, p. 68).

Ferraz (2015, p. 47) defende que “o debate da comoditização da educação e das instituições públicas se faz essencial nos contextos onde a língua inglesa é ensinada”. Na mesma linha de Ferraz, Jordão e Martinez (2015, p. 63) afirmam que as políticas de internacionalização dentro do contexto brasileiro metrópole parecem reproduzir relações de colônia-metrópole e, por isso exigem, por parte dos envolvidos no processo educacional, “análises críticas urgentes que a desafiem, especialmente no que se refere à visão de língua como objeto pertencente a estados-nações específicos, e como tal, um espaço de expressão e transmissão de culturas bem delimitadas e homogêneas”.

A língua inglesa tem sido uma associação automática, ou até mesmo uma resposta ao processo de internacionalização. Martinez (2016) sinaliza que, dentro do processo de internacionalização no Brasil, o Ciências Sem Fronteiras foi bastante influenciado pelos programas de EMI (*English as Medium Instruction*) dado ao fato de que grande parte das

---

<sup>6</sup> “global equality and economic justice, but it also asserts that Western democracy and socialism are not the only two models to orient our thinking and our doing”.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. Revista Desempenho. n. 30, v1, 2019.

universidades escolhidas pelos estudantes para a realização do intercâmbio era em países de língua inglesa. Jordão e Martinez (2015) apontam para o perigo que os programas Inglês Sem Fronteiras e Ciências Sem Fronteiras podem trazer ao se ter uma concepção de língua instrumentalizada, pois caracterizam o inglês como “uma mercadoria de compra e venda, um objeto que pode ser transmitido, uma língua cuja aquisição pode ser medida em testes objetivos criados pela metrópole e aplicados na e pela colônia” (JORDÃO E MARTINEZ, 2015, p. 83) reproduzindo de forma acrítica relações de ensino-aprendizagem de instituições do exterior que não levam em conta a localidade nem a identidade dos sujeitos envolvidos.

Diante da posição atribuída ao inglês dentro dos programas de internacionalização, Jordão e Martinez (2015) acreditam ser fundamental desfazer as relações de colonialidade que se materializam diante da concepção de conhecimento dentro de uma hierarquização de sujeitos e saberes e na percepção de língua que deveria partir de uma concepção discursiva que problematiza sentidos e relações construídas para com os outros países. Logo, é preciso pensar sobre a real necessidade do conhecimento de uma língua franca ou fronteiriça que possibilite, ou que fortaleça o acesso aos discursos globais. É preciso pensar sobre o que essa língua representa, que concepção de língua se está levando em conta (como código?, comunicação?, discurso?), que relações de poder estão imbricadas no uso dessa língua em detrimento a outras e quais são os “prejuízos” que poderemos nessa supervalorização do inglês.

### *Rankings das universidades*

Para Hudzik (2011, p. 9) a visão do ensino superior como um sistema global está atrelado ao reconhecimento de uma mudança de paradigma no qual “as instituições de ensino superior não são apenas um recurso local, regional ou nacional, mas também são recursos globais - globalmente conectados<sup>7</sup>”. Tal mudança, ainda segundo o autor, está vinculada aos esquemas de classificação global (rankings), a busca por padronizações, bem como a criação de políticas visando romper impedimentos dos fluxos de professores e alunos. Para o autor, a globalização do ensino superior pode ser entendida dentro de duas dimensões: competitivas e colaborativas. A medida que se expandem as demandas pelo ensino superior dentro de uma perspectiva global, a procura por melhores professores e melhores faculdades para ingresso se intensifica. A corrida pela produção acadêmica também se amplifica e, “simultaneamente alimenta as necessidades crescentes de uma sociedade baseada no conhecimento<sup>8</sup>” (HUDZIK, 2011, p.17). O autor ainda continua explicando que é impossível uma universidade ser qualificada em todos os aspectos, por isso práticas que possibilitem a ações colaborativas que apoiem a pesquisa transfronteiriça, por exemplo, podem proporcionar benefícios numa via de mão dupla.

---

<sup>7</sup> higher education institutions are not only a local, regional, or national resource but also are global resources globally connected.

<sup>8</sup> “simultaneously feeds the growing needs of a knowledge-based society”

MULIK, Katia Bruginiski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. Revista Desempenho. n. 30, v1, 2019.

Através do levantamento sobre as publicações sobre a internacionalização do ensino superior divulgadas na mídia digital, aparece com recorrência a divulgação da posição ocupada pelas universidades brasileiras no cenário mundial. Dentre as universidades citadas temos: USP, UNICAMP, UEM, UFPI, UESPI, UNEAL, UFAL, UNESC e EAESP (FGV)<sup>9</sup>. A grande maioria das universidades citadas são públicas (apenas duas são particulares – UNESC e FGV) e situam-se na região Sul e Sudeste do país. Dentre os critérios utilizados para a classificação está o nível de pesquisa, ensino, empregabilidade e a internacionalização. Os responsáveis pelos rankings divulgados na mídia são o World University Rankings da revista Times Higher Education e a Folha de São Paulo

Um dos fatores que garante uma melhor pontuação nos rankings está relacionado as publicações e citações. Rajagopalan (2015) problematiza a questão “brincando” com o slogan “Publish or Perish” (publique ou pereça) substituindo-o por “Publish in English or remain anonymous” (publique em inglês ou permaneça no anonimato), pois, de acordo com o autor, para que as pesquisas tenham “alguma projeção, algum impacto, no mundo afora, é preciso que eles [os resultados] sejam publicados em língua inglesa” (RAJAGOPALAN, 2015, p. 21). O autor critica e questiona esse critério de entendido como “visibilidade no mundo afora” uma vez que se exclui a qualidade da pesquisa feita no Brasil dando valor a ela apenas se tiver divulgação de seus resultados na língua inglesa. Rajagopalan (idem, op.cit) diante desse aspecto nos lança a seguinte reflexão: “em quanto tempo podemos ter esperança de passar a publicar em inglês com maior frequência e em maior volume os resultados de nossas investigações nos mais variados campos do saber, sob a pena de permanecer invisível diante do mundo afora e ter que arcar com os prejuízos resultantes do isolamento autoimposto?”. Ou seja, estamos sendo obrigados a dominar o inglês se quisermos permanecer no mundo acadêmico, caso contrário estamos sujeitos a não ampliarmos as possibilidades de pesquisa e de trocas entre nossos pares.

### **Considerações finais**

O objetivo deste artigo concentrou-se em identificar como a internacionalização do ensino superior no cenário brasileiro tem repercutido na mídia digital. A partir da coleta de informações elencou-se quatro categorias de análise baseadas em recorrência temática nos textos encontrados: internacionalização e interculturalidade; inserção no cenário global; o inglês como a língua da globalização e, por fim o ranking das universidades.

Dentro de questão da interculturalidade percebe-se que a mídia ressalta a importância do contato com outras culturas, no entanto desconsidera a complexidade dessas relações, tampouco pontua a questão da segurança dos estudantes oriundos de outros países. A necessidade das universidades brasileiras se inserirem em um contexto global também foi

---

<sup>9</sup> Siglas das universidades respectivamente: Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Maringá, Universidade Federal de Piauí, Universidade Estadual de Piauí, Universidade Estadual de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, Universidade do Extremo Sul Catarinense e Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. Revista Desempenho. n. 30, v1, 2019.



evidenciada trazendo a internacionalização como caminho para essa inserção aliado a necessidade do conhecimento da língua inglesa. Outro aspecto foi a questão dos rankings que ilustram a competitividade entre as instituições e que podem fortalecer relações desiguais perpetuando uma lógica neoliberal de educação.

Um dos desafios encontrados a partir das reflexões realizadas nesse artigo está relacionado a necessidade de entender a internacionalização fora de uma proposta de consumo ou como necessidade imposta pela globalização. É preciso pensar sobre as implicações que envolvem esse processo levando em conta a qualidade do que se está oferecendo para os estudantes/ professores/ pesquisadores diante das trocas culturais e dos saberes. Urge também a necessidade do estudo do papel de outras línguas no processo de internacionalização que, até então parecem ser “invisíveis” na mídia digital.

O processo de internacionalização precisa ser concebido de forma mais crítica para que as políticas linguísticas e de ensino não reforcem práticas hegemônicas da colonialidade. Precisamos avaliar a complexidade e a pluralidade de aspectos que permeiam esse processo e, sobretudo, os desafios éticos a serem enfrentados a fim de expandir visões de língua, ensino e conhecimento.

## Referências

ALMEIDA, A. C. S.; SANTIAGO, V. de N. Globalização, mundialização e internacionalização: convergência para configurações de cidadania. In: LUNA, J. M. F. (Org.). *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade, cidadania global*. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2016.

ANDREOTTI, V. O. et. al. Internacionalização da educação brasileira: possibilidades, paradoxos e desafios. In: LUNA, J. M. F. (Org.). *Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade, cidadania global*. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2016.

AHMED, S. *Strange encounters: embodied others in Post-coloniality*. London: Routledge, 2000.

BYRAM, M., GRIBKOVA, B., & STARKEY, H. *Developing the Intercultural Dimension in Language Teaching: A Practical Introduction for Teachers*. Strasbourg: Council of Europe, 2002.

CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Mapeamento de estudos nacionais sobre Inglês como Língua Franca: Lacunas e Avanços. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. *Revista Desempenho*. n. 30, v1, 2019.

(Orgs) *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. United States of America: CUP, 2003.

HUDZIK, J. K. *Comprehensive Internationalization - From Concept to Action*. NAFSA: Association of International Educators, Washington, D.C, 2011. Disponível em: [http://www.nafsa.org/uploadedfiles/nafsa\\_home/resource\\_library\\_assets/publications\\_library/2011\\_comprehen\\_internationalization.pdf](http://www.nafsa.org/uploadedfiles/nafsa_home/resource_library_assets/publications_library/2011_comprehen_internationalization.pdf) Acesso em: 26 dez. 2016.

JORDÃO, C.M.; MARTINEZ, J. Z. Entre as asas da fronteira: internacionalização com prática agonística. In: ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R. *Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

KNIGHT, J. Updated definition of internationalization. In: *International Higher Education*. No.33 Fall 2-3, 2003.

LEAL, Roberto Lobo; FILHO, Silva. Internacionalização do ensino superior brasileiro. *O Estadão*. 30 Novembro 2016. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/blogs/roberto-lobo/internacionalizacao-do-ensino-superior-brasileiro/> Acesso em 26 dez 2016.

MARGINSON, S.; NYLAND, C.; SAWIR, E.; FORBES-MEWETT, H. *International Student Security*. Melbourne: Cambridge University Press, 2010.

MARTINEZ, R. English as medium instruction (EMI) in Brazilian Higher Education: challenges and opportunities. In: FINARDI, K. R. *English in Brazil: views, policies and programs*. Londrina: EDUEL, 2016.

MENEZES DE SOUZA, L. M. *Strategic complicity in neoliberal educational internationalization: the case of the production of entrepreneurial subjects in Ciências Sem Fronteiras* (2016, no prelo).

MIGNOLO, W. Geopolitics of sensing and knowing: on (de) coloniality, border thinking and epistemic disobedience. *Confero*. Vol. 1. No 1, 2013, p. 129-150.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. *Revista Desempenho*. n. 30, v1, 2019.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf> Acesso em: 26 dez 2016.

RAJAGOPALAN, K. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, K. A. *Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinhas*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. O “World English” - um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. (Orgs) *Inglês como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RAJAGOPALAN, K. Políticas públicas, línguas estrangeiras e globalização: a universidade brasileira em foco. In: ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R. *Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

SEIDLHOFER, B.. Research perspectives on teaching English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics* 24: 209-239. 2004.

SANTOS, B. S. Beyond abyssal thinking: from global lines to ecologies of knowledges. Coimbra: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 80, 2007.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In J. VIAÑA, L. TAPIA & C. WALSH (Eds.) *Construyendo Interculturalidad Crítica*. La Paz: Instituto Internacional de Integración, 2010.

#### APÊNDICE – A internacionalização na mídia digital

TÍTULO	VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO /DATA	RESUMO
<i>Politécnico de Santarém aprofunda internacionalização com Brasil</i>	<i>O Ribatejo</i> – 4 de dezembro de 2016	Divulgação da assinatura na do convênio que possibilita a criação de cursos de dupla titulação com o Instituto Politécnico de Santarém. Com isso, os alunos vão passar a obter um grau de ensino superior simultaneamente no Brasil e em Portugal.

MULIK, Katia Bruginski. Internacionalização do Ensino Superior no Contexto Brasileiro: repercussões na mídia digital. *Revista Desempenho*. n. 30, v1, 2019.

<i>“Pior do que está não fica”, diz ministro sobre educação no país</i>	Exame.com – 18 de dezembro de 2016	Em entrevista a revista Exame, o ministro da Educação Mendonça Filho comenta sobre os investimentos na educação para o ano de 2017 e as mudanças sobre a questão da internacionalização no ensino superior.
<i>Estado terá Rede Goiana de Educação Internacional</i>	Goiás Agora – 30 de novembro de 2016	Criação da Rede Goiânia de Educação Internacional que constitui-se na integração das instituições de Ensino Superior em Goiás – UFG, UniEvangélica, PUC-GO, UEG, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e Instituto Federal Goiano visando orientar ações conjuntas, e parcerias para a organização de missões para o exterior.
<i>Ranking internacional classifica EAESP como melhor escola de negócios do Brasil</i>	O Girassol – 26 de dezembro de 2016	Divulgação sobre a posição da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV (EAESP) como a melhor escola de negócios do Brasil e a segunda melhor da América Latina pelo Eduniversal Business Schools Ranking.
<i>Unesc é a segunda melhor universidade brasileira não pública, segundo índice inédito</i>	Forquilha Notícias – 07 de dezembro de 2016	Reconhecimento da Universidade do Extremo Sul Catarinense como a segunda melhor Instituição de Ensino Superior do Brasil, entre as não-públicas, segundo o Índice das Universidades Empreendedoras.
<i>Universidades portuguesas apostam na internacionalização com Enem</i>	Exame.com - 07 de novembro de 2016	Divulgação da lista das universidades portuguesas que aceitam o score do ENEM como forma de seleção para estudantes brasileiros.
<i>Ensino ministrado em inglês avança em universidades do Brasil</i>	Folha de São Paulo – 14 de setembro de 2016	Dados mostram a existência de um processo de internacionalização interna que se dá por meio da oferta de disciplinas em língua inglesa. O mapeamento do estudo encomendado pelo British Council e pela Faubai (Associação Brasileira de Educação Internacional) identificou 671 cursos que oferecem aulas em inglês na graduação, já na pós identificou-se 45 disciplinas e seis programas inteiramente ofertados no idioma.
<i>Ufpi e Uespi são avaliadas no Ranking Universitário Folha</i>	Cidade Verde – 20 de setembro de 2016	Divulgação da posição das universidades Federal e Estadual do Piauí na avaliação anual do ensino superior do Brasil, realizada pelo jornal Folha de São Paulo. O Ranking de Universidades da Folha (RUF) leva em consideração cinco indicadores (pesquisa, internacionalização, inovação, ensino e mercado)
<i>Temer ignora relatório do Senado e exclui graduandos do Ciência sem Fronteiras</i>	Rede Brasil Atual – 26 de julho de 2016	Mudanças na estrutura do programa Ciências Sem Fronteiras que exclui alunos da graduação e passa atender apenas a pós-graduação.
<i>UEM está entre as 40 melhores da</i>	O Diário.com – 22 de setembro de 2016	Divulgação da posição da Universidade Estadual de Maringá na revista The Times Higher Education, da Inglaterra responsável

<i>América Latina segundo ranking</i>		pelo World University Ranking cujo objetivo é avaliar as instituições de ensino superior da América Latina.
<i>Uneal fica em penúltimo lugar em ranking de universidades; Ufal é a 37ª</i>	Gazeta Web – 21 de setembro de 2016	Divulgação da posição Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) Ranking de Universidades da Folha (RUF)
<i>Prêmio Melhores Universidades 2016: USP é a melhor pública</i>	Guia do estudante – 14 de outubro de 2016	Alguns aspectos que fazem a Universidade de São Paulo ser considerada a melhor instituição pública e suas metas para a flexibilização do currículo e o processo de internacionalização.
<i>USP e Unicamp são as duas universidades mais prestigiadas da América Latina</i>	Último segundo IG – 07 de setembro de 2016	Fatores que fazem a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas serem consideradas instituições prestigiadas na América Latina e o alerta dado pela The Times Higher Education pelo fato de que as duas instituições precisam ampliar suas práticas voltadas para a internacionalização, bem como suas publicações em parceria com autores estrangeiros.
<i>Ciência brasileira em busca da qualidade e da internacionalização</i>	Planeta Universitário – 25 de novembro de 2016	Trata sobre um evento da Academia Brasileira de Ciências e como as várias áreas do conhecimento no contexto brasileiro tem impactado no cenário internacional principalmente com as publicações acadêmicas.
<i>Internacionalização do ensino superior brasileiro</i>	O Estadão – 30 de novembro de 2016	Aponta para a necessidade de inserir as universidades brasileiras no cenário da internacionalização e define o que é ser globalizado no ensino superior.
<i>“Queremos ser um grupo global”</i>	O jornal econômico – 26 de novembro de 2016	Teresa Damásio, administradora do grupo ENSINUS – Estudos superiores, fala sobre os planos para a internacionalização na grupo educacional.
<i>Brasil atrai interesse em feira de intercâmbio na Inglaterra</i>	Portal Brasil – 16 de setembro de 2016	Trata sobre a European Association for International Education Conference realizada entre os dias 13 e 16 de setembro reunindo mais de 200 expositores e o destaque o que Brasil teve sendo um dos stands mais procurados.
<i>ESAD.CR quer reforçar investigação e internacionalização</i>	Jornal de Leiria – 4 de julho de 2016	A Escola de Caldas da Rainha agora dirigida por João dos Santos apresenta como meta o reforço da internacionalização através da mobilidade de professores e alunos.
<i>UEL entra pela primeira vez em ranking do BRICS</i>	Massa News – 02 de dezembro de 2016	Apresenta a Universidade Estadual de Londrina que entrou, pela primeira vez, na Times Higher Education BRICS & Emerging Economies Rankings 2017 colocando-a entre as 300 melhores instituições entre 50 países avaliados. O Ranking confirma a UEL como melhor universidade estadual do Paraná, segunda do estado e 5ª melhor estadual do Brasil.
<i>Como estudantes catarinenses aproveitaram ou desperdiçaram</i>	Caderno nós 55 – 12 de novembro de 2016	A matéria trata sobre a falta de organização e comunicação dentro do Ciências Sem Fronteiras e o não aproveitamento, por parte de alguns estudantes que foram para o exterior com um olhar bastante voltado ao turismo. Também faz um perfil dos participantes do programa.



<i>bolsas do Ciência Sem Fronteiras</i>		
<i>Revista inglesa aponta a UFRN como uma das 50 melhores universidades da América Latina</i>	Tribuna do Norte – 07 de setembro de 2016	Posição da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na Times Higher Education.
<i>Uece é mais uma vez a melhor Estadual do Norte, Nordeste e Centro-Oeste</i>	Tribuna do Ceará – 21 de setembro de 2016.	O Ranking Universitário da Folha (RUF) 2016 apontou a Universidade Estadual do Ceará (Uece) como a melhor Estadual do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.
<i>As melhores universidades do Brasil em 2016, segundo a THE</i>	Exame.com – 22 de setembro de 2016.	Ranking voltado para as universidades brasileiras apontadas na Times Higher Education.